**LEITORES DIGITAIS – UM REPENSAR NA PRÁXIS DA LEITURA [[1]](#footnote-1)**

Cauê de Souza Rebouças[[2]](#footnote-2)

**Resumo:** O texto visa explorar a potencialidade dos leitores digitais (ou *e-readers*) considerando a inserção desses dispositivos no mercado editorial como uma forma de ampliação da dimensão midiática do livro, especificamente no que se trata de imagem técnica. A partir do conceito de tecnoimagem de Vilém Flusser, dialogamos como as palavras se tornam *bits* e dados, relacionando-se de novas maneiras com os leitores ao deslocar de um objeto tradicional, o livro físico, para o ambiente digital imagético.

**Palavras-chave:** leitor digital; e-reader; livro; tecnoimagem

**Introdução**

Os livros são importantes marcos históricos para formação social, cultural e econômica das sociedades. A escrita, dessa forma, se compara apenas ao surgimento da agricultara, metalurgia, cidade, Estado e à primeira Revolução Industrial (Hobsbawm, 2012, p. 12) , ou seja, seu descobrimento se posiciona um dos acontecimentos que ressignificaram a história humana.

A partir da escrita, o homem passou a quantificar o armazenamento de produções agrícolas – o que facilitou o crescimento dos centros urbanos por conta de uma estocagem de grãos mais precisa. Outro contribuição fundamental foi na mensuração da economia, suportando transações e a circulação de moedas, tanto internamente, quanto com diferentes civilizações. Ela também possibilitou um importante tipo de registro histórico, possibilitando a criação de documentos que foram analisados posteriormente por cientistas e pesquisadores dos mais diversos campos.

Por centenas de anos o letramento foi exclusividade da nobreza e alto clero, com a Igreja concentrando em si a escrita de manuais e livros nas antiguidades. Apenas em meados do século XVI isso seria alterado. A prensa mecânica criada pelo alemão Johannes Gutenberg, em 1455, foi o passo inicial da imprensa e divulgação de livros e periódicos como conhecemos hoje.

A partir do maquinário, pela primeira vez na história, foi possível a criação e circulação de livros, consequentemente de informação, em uma escala jamais vista. Mesmo assim, apenas a partir da primeira revolução industrial, com as prensas movidas a vapor, que os primeiros grupos de imprensa se fortaleceram ao redor do mundo (COSTA, 2009, p. 19). Com isso, uma cultura de leitores foi se consolidando principalmente na Inglaterra e França, não por acaso, pioneiras das revoluções do século XVIII.

Com a tecnologia a vapor, portanto, a informação começou a circular com mais facilidade nas principais capitais europeias. Tal constatação já evidencia a importância dos avanços tecnológicos para a produção e circulação da informação como observamos hoje – *smartphone*s, *tablets*, computadores e outros aparatos digitais já fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas ao redor do mundo. Na contemporaneidade, a tecnologia permite que até que a leitura de livros seja virtual, ambiente no qual hábitos e práticas de leitura podem ser compartilhados.

Apesar da notável importância do livro para a história social do homem, foi nos últimos 50 que houve um grande crescimento nas pesquisas e estudos a respeito da ‘história do livro’. Pesquisadores como Robert Darnton, Roger Chartier e Daniel Roche estiveram à frente de estudos que visavam entender o papel do livro em relação aos mecanismos históricos-sociais em diversos períodos históricos (DARNTON, 2008, p.158).

Aspectos como paratextos editorais (capa, orelha, página de rosto), além de outras características do livro como a tipografia, tipo de papel, diagramação, transformaram-se em importantes recursos na confecção de sentidos e significados do livro (DARTON, 2008, p.167). “A ‘bibliografia material’ transformou em objeto de pesquisa científica tudo o que, na aparência do livro, era outrora objeto de paixão de bibliógrafo” (CHARTIER, ROCHE, 1976, p.100). Assim, aspectos como índice, notas, coleções, cartas entre editores, passaram a ser analisadas por aqueles pesquisadores.

Uma outra abordagem que eu enfatizaria é normalmente conhecida pelo nome de paratextualidade. Ela tem ocupado os bibliógrafos por várias gerações e, mais recentemente, engajado teóricos literários, tornando-se cada vez mais importante no estudo concreto de textos. Após trafegar por essa literatura, eu me vi prestando muito mais atenção à maneira pela qual as páginas de rosto, frontispícios, prefácios, notas de rodapé, ilustrações e apêndices influenciam a percepção do leitor (DARNTON, 2008, p.167).

A partir do avanço dos estudos, o livro, de objeto predominantemente portador de novidade estética ou intelectual, passa a ser o que se escreve ou lê uma sociedade inteira. “A evolução temática da produção impressa, construída a partir de títulos de obras, permite encontrar, num quadro nacional, os progressos de uma cultura” (CHARTIER, ROCHE, 1976, p. 103).

A invenção e o aperfeiçoamento da máquina a vapor, das ferrovias, dos correios, do telégrafo vieram encurtar as distâncias, tornando os livros, jornais, revistas, cada vez mais acessíveis, tanto na questão de custo, quanto na acessibilidade deste conteúdo. Em 1814, o jornal londrino *The Times* adota a prensa a vapor patenteada por Frederik Koening, que permite imprimir mil exemplares por hora, alterando os horários de fechamento e proporcionando maior atualidade às notícias publicadas (COSTA, 2009, p. 20).

Atualmente, parques gráficos industriais tem a capacidade de produzir milhares de unidades de jornais, revistas e livros em poucas horas. Ao deslocarmos a reflexão para contemporaneidade, a produção e capacidade de circulação, em tese, deixaria de se configurar em um impeditivo para leitura. Ao mesmo tempo há um novo paradigma: o número de leitores, especialmente em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, esbarram-se no letramento da população, hábito e cultura.

**Os livros digitais e seus paradoxos**

O livro ao ser inserido no ambiente digital adquiriu novas potencialidades , considerando a inserção desses dispositivos no mercado editorial como uma forma de ampliação da dimensão midiática do livro, especificamente no que se trata de imagem técnica. Visto que, nesses aparatos digitais as palavras se tornam bits e se relacionam de novas maneiras, tanto com os agentes literários, quanto com os leitores, tornando-se um importante fenômeno cultural, ao deslocar um dos objetos mais antigos e tradicionais da história humana, o livro, agora no ambiente digital.

Os leitores digitais (ou e-readers) são dispositivos que possibilitam o acesso a milhões de livros, revistas, jornais, periódicos em poucos cliques, por meio de uma tela *touch* (a toque) que visa emular a percepção visual de um papel físico. No mercado brasileiro, apenas a Amazon vende oficialmente o Kindle. O *Lev*, da Saraiva, foi descontinuado assim como o Kobo que era comercializado pela Livraria Cultura. Na Europa e Estados Unidos, o Kobo ainda é vendido, assim como outras opções como o *Tolino* – forte na Alemanha – e o Nook, vinculado à livraria Barnes & Noble.

Por haver apenas uma empresa vendendo oficialmente o produto no Brasil, notamos que o índice de leitura e aspectos socioeconômicos são entraves para a popularização dos leitores digitais no país. De acordo com a 5ª edição do estudo Retratos da Leitura do Brasil, coordenado pelo Instituto Pró-Livro, em 2019, 48% da população brasileira não lê[[3]](#footnote-3) e mais de 30% da população nunca comprou um livro. (PRÓ-LIVRO, 2020, p.11-45). O mesmo estudo aponta que enquanto 67% da classe A é leitora, apenas 38% da classe D/E mantém esse hábito de leitura. (PRÓ-LIVRO, 2020, p.12).

Apontamos que a relação entre a alfabetização e o índice leitura de uma população não é uma questão recente, com diversos exemplos em sociedades diferentes. Em grande parte das vezes, a questão econômica afeta a alfabetização de uma população, no entanto, há nuances nos níveis e graus de alfabetização que pesquisas, muitas vezes, possuem dificuldade em mensurar. No exemplo abaixo, é analisado esta questão dentro do espectro da França do século XVIII.

Enquanto cerca de 70% de artesãos e operários de seda em Lyon sabem assinar o nome, 20% somente, já se viu, possuem alguns livros. Não se pode concluir que a presença do livro é um bom critério para definir um certo limiar de cultural, muito mais que a alfabetização pode ser, com frequência, apenas uma necessidade de ofício? (CHARTIER, ROCHE, 1976, p. 108)

Um outro caso interessante da relação entre o analfabetismo, escolaridade e o nível de leitura de um local é o caso da formação dos leitores na Islândia. Um país com quase nenhuma instrução formal e quase sem livrarias até meados do século dezenove. Ao mesmo tempo que, por conta de sua cultura rural específica, o país continha um número altíssimo de leitores.

A Islândia não teve nenhuma livraria entre os séculos dezesseis e meados do século dezenove. Também não tinha escolas. Contudo, até o final do século dezoito a população era quase toda alfabetizada. Famílias situadas em fazendas espalhadas por uma enorme área ensinavam seus filhos a ler — e os islandeses liam bastante, especialmente durante os longos meses de inverno. Além das obras religiosas, sua leitura consistia primordialmente em sagas nórdicas, copiadas e recopiadas por várias gerações em livros manuscritos, milhares deles, que hoje formam as principais coleções dos arquivos desse país (DARNTON, 2008, p. 166).

No o analfabetismo e problemas estruturais com escolaridade são históricos no país. Apesar de valorosos avanços educacionais nas últimas décadas, a situação e proporção de leitores no país é um quadro preocupante. Dessa forma, a classe social e a renda familiar impactam expressivamente a porcentagem entre leitores e não leitores. Ou seja, indícios de que a desigualdade social brasileira afeta a formação do público leitor.

Existem inúmeros fatores culturais citados pelos entrevistados da referida pesquisa (PRÓ-LIVRO, 2020, p.34-42) que influenciam os respondentes a não terem um hábito de leitura. “Falta de tempo” (34%) e “não gostar de ler” (28%) são as principais razoes para não leitura. Inclusive a pesquisa demonstra que quanto maior a renda, menos este fator (“não gostar de ler”) influencia no nível de leitura dos brasileiros – mais de 10 pontos percentuais. Esses fatores acabam por influenciar os poucos números totais Por aqui, cerca de 77 mil aparatos foram vendidos até 2017, quanto globalmente foram mais de 131 milhões no mesmo período (EUROMONITOR, 2017).

Outro levantamento que auxilia um diagnóstico da leitura no Brasil é o Censo do Livro Digital, realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em parceria com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro. Com uma edição até o momento, o estudo aponta e analisa os resultados o setor de vendas digital no ano de 2016. A pesquisa demonstra que a distribuição do faturamento de livros digitais e físicos é de 1,09% e de 98,91%, nesta ordem, excluindo-se as vendas para o setor Governamental que não foram contabilizadas pelo levantamento. Assim, o conteúdo digital faturou aproximadamente R$ 42,5 milhões com 2.751.630 *ebooks* vendidos no período, em comparação a cerca de R$ 3,9 bilhões arrecadados pela mídia física no período analisado (SNEL, 2017, p. 2-15).

Considerando apenas os que leram livros digitais, o *smartphone* (56%) foi o *device* mais utilizado para este tipo de leitura, enquanto aqueles que utilizam leitores digitais representam apenas 4% dos entrevistados. Analisando somente o recorte dos que utilizam *e-readers*, 91% dos usuários de aparatos são leitores de acordo com critérios da pesquisa, ou seja, leram ao menos um livro nos últimos 3 meses (PRÓ-LIVRO, 2016, p. 134). Portanto, de acordo com a pesquisa (PRO-LIVRO, 2016), os usuários que utilizam os *e-readers* demonstram ser leitores mais ávidos do que os que consumem livros digitais através de outros *gadgets.*

A midiatização, fenômeno descritivo de um processo de mudanças qualitativas em termos de configuração social, por efeito da articulação da tecnologia eletrônica com a vida humana (SODRÉ, 2014, p.109), também interage com a leitura de diversas maneiras. Os leitores digitais, aparatos que vendem anualmente milhões de livros digitais ao redor do mundo, impacta os modos de consumo, venda, produção, circulação de livros e até mesmo nas interações entre diversos públicos do circuito de comunicação do livro, conceito de Robert Darnton (2008, p.164), que visar esquematizar como um texto parte do autor para se tornar livro – produto editorial – para os leitores. Apontamos como a política e economia também interferem na circulação dos livros – a censura e a proibição, por exemplo, fatores ressignificados ao decorrer dos séculos[[4]](#footnote-4), são primordiais para se entender como determinadas sociedades lidavam com o livro. “A circulação do livro proibido pode modificar os equilíbrios culturais restabelecidos a partir da produção conservada ou dos legalíssimos registros da livraria” (CHARTIER, ROCHER, 1976, p.104).

Os leitores digitais possuem recursos técnicos que os diferenciam bastante da leitura tradicional do livro físico. Como, por exemplo a possibilidade de modificar o tipo das fontes do texto, tamanho, alinhamento, além de capacidades de adicionar notas diretamente no material de leitura. Precisamos ressaltar que, na editoração, por diversas razões que passam pelo preço à publicidade, a fonte e tamanho do texto geralmente não são opções dos leitores, mas sim, dos editores. No livro de papel há uma restrição técnica de como o leitor pode interagir com o livro. Há algumas opções como, por exemplo, livros interativos no qual o leitor precisa tomar decisões avançando para determinada página indicada para ação que escolheu para sua personagem. E outros que convidam os leitores a rasgar, dobrar ou amassar páginas, subvertendo o ato da leitura em algo mais lúdico. Entretanto, são minorias no mercado editorial.

Aqui, destacamos a importância do editor na definição do projeto editorial de uma obra impressa, visto a influência que o mesmo tem em definir o lado produto da obra, isto é, como o leitor vai interagir com o livro. Textura da página, capa, tamanho, fonte, são opções escolhidas para indicar caminhos e sensações para aqueles que têm contato com o texto. A tecnologia ressignifica essa relação, trazendo novas possibilidades para o leitor, transformando-o como protagonista dessa relação. Isso porque, todas essas opções que as editoras escolhem no livro, podem ser alterados de acordo com quem está realizando o ato da leitura.

**A tecnoimagem nos leitores digitais**

O *e-reader* disponibiliza ao leitor diversas características que propõem um novo entendimento do livro e, consequentemente, do texto no âmbito digital. O livro pode ser modificado tanto em sua questão estrutural - que pode ocasionar em novos significantes e significados (alinhamento e margem) quanto em seu aspecto mais visual (tipo e tamanho da fonte). Dessa forma, leitores adquirem novos recursos e possibilidades de leitura, aspectos que Arlindo Machado denota no fim do século passado como uma necessidade a fim da continuidade da relevância do livro como objeto e para “que ele (leitor) escolha livremente seu percurso e faça suas próprias descobertas” (1994, p. 211).

Antes de avançarmos no entendimento do texto no leitor digital como tecnoimagem, daremos um passo atrás na tentativa (tentativa visto à extensão e complexidade do tema) de delimitarmos o que entenderemos aqui como imagem técnica, ou tecnoimagem, para que se permita o avanço do nosso trabalho. Dessa forma, partiremos da fotografia, a precursora das imagens técnicas, para o entendimento desta.

Roland Barthes no seu ensaio clássico sobre a fotografia, A c*âmara clara* (1984), traz conceitos importantes no entendimento da fotografia, partindo do pressuposto desta prática envolver três importantes intenções ou emoções: fazer, suportar, olhar. O *operator* seria o fotógrafo; o *spectator* todos que observam as fotos, e o *spectrum* aquele que é objeto da fotografia (BARTHES, 1984, p. 20). Por não ter interesse na prática da primeira, o autor escreve o texto baseado em sua experiência como *spectator e spectrum.*

A partir de sua vivência como fotografado e visualizador de imagens em jornais, revistas e outros suportes, Barthes tem grande interesse em entender a fotografia como um recorte, ou captura, do que seria o real, importando-se muito mais à semântica das fotografias – imagens fotográficas que representam – do que à fotografia e todos mecanismos que produzem sentidos (SILVA, 2010, p. 57-59).

Por isso, tornam-se objetos de sua análise questões como “a quem pertence a foto? Ao sujeito (fotografado)? Ao fotógrafo?” (BARTHES, 1984, p.26) e até mesmo criando dois conceitos porquê de algumas fotos permanecerem nos convidando para um estado de observação e análise intelectual – *stundium –*, enquanto existem há aquelas que pungem, mortificam e ferem – *punctum* (1984, p.46-47).

Em outras palavras, “toda fotografia, assim, tanto se oferece ao nosso olhar como sendo um campo possível de estudo *(studium*), quanto nos interpela e nos aponta em alguns lugares de nosso imaginário (*punctura*) (SAMAIN, 2003, p. 62).

Barthes entende a fotografia como uma representação que não adentra no objeto da fotografia por meio que não seja o mundo objetivado por ela (SILVA, 2010, p. 58). No ensaio há um interessante contraponto entre a fotografia e a palavra, que denota o peso instrumental da primeira para o autor. Enquanto a foto é “contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa representada)” o texto “pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão” (BARTHES, 1984, p. 49).

Não nos aprofundaremos na questão da ontológica da foto que, possui um amplo campo de estudo, mas consideramos importante introduzir os conceitos barthesianos sobre fotografia para denotar os caminhos – pontos e contrapontos – do referencial teórico que utilizaremos para conceituarmos a tecnoimagem. Visto que a tecnologia é ponto fundamental da fotografia, como o próprio Barthes resume:

Tecnicamente, a Fotografia está no entrecruzamento de dois processos inteiramente distintos: um é de ordem química: trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; outro é de ordem física: trata-se da formação da imagem através de um dispositivo óptico (1984, p.21).

As imagens permeiam hoje os mais diversos dispositivos, assemelhando-se com a fotografia especialmente na questão da reprodutibilidade técnica e na capacidade de edição, características nas quais a foto possuí desde o período de sua manipulação analógica, mas que certamente foram facilitadas e aprimoradas no digital. Neste trabalho, portanto, estamos mais preocupados com os processos tecnológicos digitais que permitem a manipulação e circulação imagética, do que no entendimento das imagens por si. Dessa forma, aproximaremos as questões que envolvem a fotografia e a imagem técnica com a filosofia de Vilém Flusser.

Ora, é justamente tendo em vista um dos aspectos mais perturbadores do universo digital consiste na possibilidade sempre presente da manipulação e aniquilação de qualquer referente, que um outro horizonte de abordagem deve surgir. É por essa razão que a via da técnica, ao contrário da via das imagens, sugere uma possibilidade de redução que pode permitir uma compreensão intrínseca ao processo, dentro do próprio universo do mecanismo da fotografia (SILVA, 2010, p. 58).

Flusser inicia seu livro *Filosofia da Caixa Preta* (2018) dissociando a imagem técnica da imagem tradicional (pinturas). Para o autor, as “imagens são superfícies que pretendem representar algo” (2018, p.15). Mais do que isso, Flusser entende a pintura como uma forma de abstrair as quatros dimensões espaçotemporais (as três dimensões espaciais mais o tempo) e representa-las em apenas duas dimensões (2018, p. 15-17). Trata-se da força imaginativa do homem de decodificar o ambiente complexo no qual está circunscrito e codificar isto em poucos planos de modo que as pessoas que olhem esses desenhos os decodifiquem novamente. “Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens” (FLUSSER, 2018, p.15).

Desse pressuposto temos o início de entendimento da imagem técnicas, isto é, as imagens produzidas por aparelhos. (FLUSSER, 2018, p.21). E aparelhos ou aparatos possuem aqui um sentido muito amplo, no qual o próprio autor entende não ser apenas a maquina fotográfica.

O aparelho não é uma maquina, pois não é descrito a partir das categorias da extensão. O aparelho tampouco é um dispositivo no sentido epistêmico de Focult, embora Flusser tenha se inspirado nele para dele se afastar. O aparelho é um horizonte de legibilidade. Uma forma que determina os limites perceptivos e constituição interna do que chamamos realidade. (PETRONIO, 20118, p.15)

Esse aparelho é capaz de transformar uma imagem bidimensional, que existe materialmente, para códigos e números, “superfícies que transcofidam processos em cenas” (FLUSSER, 2018, p. 24). Aqui, diferente de Barthes, há uma preocupação noo entendimento da imagem técnica e não das imagens técnicas como unidades interpretativas (SILVA, 2018, p. 50-60).

Ontologicamente, a imagem tradicional é abstração de primeiro grau: abstrai duas dimensões do fenômeno concreto; a imagem técnica é abstração de terceiro grau: abstrai uma das dimensões da imagem tradicional para resultar em textos (abstração de segundo grau); depois, reconstituem a dimensão abstraída, a fim de resultar novamente em imagem. (FLUSSER, 2018, p.21).

Para Flusser, a dimensão tridimensional é aquela na qual a espécie humana “se comunicava com o corpo, seus gestos, seus sons, seus odores, seus movimentos” (BAITELLO JR apud CONTRERA & HATTORI, 2003, p. 81). Ou seja, é uma dimensão na qual o homem se comunica com todos seus sentidos físicos e especiais. A imagem ontológica por sua vez seria a pré-histórica, grafadas em pedras, que abstrai uma dimensão do mundo concreto para uma esfera bidimensional – um retrato. Essa etapa se inaugura no momento em que o homem passa a utilizar objetos sobre os quais deixa marcas como nas pinturas rupestres (*ibidem*).

Ao longo da evolução, perdeu-se mais uma dimensão, inaugurando-se a escrita, em que o raciocínio lógico impera por meio de linhas unidimensionais. A última etapa deste trajetória é a dimensão zero (ou nulodimensão). Nela, a tecnoimagem é produzida por mecanismos tecnológicos buscam reproduzir a imagem sem sua corporeidade e espacialidade encontradas na comunicação corporal ou até mesmo nas pinturas. Flusser caracteriza esse processo como escalada da abstração (2019, p.13).

Assim, autor irá propor nova concepção do imaginar :“significa a capacidade de concretizar o abstrato, e qual capacidade é nova; que foi apenas com a invenção de aparelhos produtores de tecnoimagem que a adquirimos (...)” (FLUSSER, 2019, p. 49). Partindo desse pressuposto e de exemplo citado por Flusser, ao assistirmos televisão observamos elétrons dispostos na tela e imaginamos o “concreto” que estamos assistindo – não estamos vendo um jogo de futebol, por exemplo, mas o jogo de futebol reproduzido a partir de um aparelho específico.

Assim, “imaginar significa que estamos vivendo em um mundo imaginário, no mundo das fotografias dos filmes” (...) (FLUSSER, 2019, p. 49). De modo semelhante, podemos repensar a leitura mediada por e-readers como uma leitura imaginada, na qual observamos a partir da imagem técnica disposta na tela pixels e, a partir destes, imaginamos o livro. Podemos considerar a imagem técnica não como um espelho, porque ela em si não reflete, nem sinaliza alguma coisa, pelo contrário, trata-se de um gesto propositivo, que se propõe mostrar não tanto algo visto, mas uma maneira própria de olhar. (BECCARI, 2019, p. 306). Em outras palavras, as imagens técnicas “tornam visíveis processos que seriam invisíveis sem esses dispositivos” (FLUSSER, 219, p.48). Assim, começamos a aproximar o texto como tecnoimagem nos leitores digitais, justamente por conta do texto passar de ser apenas um texto, mas transformar-se em dados e números, ser codificado, de forma de que há uma maneira própria de olhar para esse novo material: não é apenas um texto, um livro, e nem simplesmente uma imagem no ponto de vista estético, mas essa tecnoimagem, nessas linhas intangíveis de Flusser.

**Leitores digitais e seus paradoxos**

Como abordamos anteriormente, a leitura por muito tempo foi considerada primordialmente como um ato intelectual, deslocada de seu aspecto mercadológico e editorial. No entanto, a leitura digital traz alguns paradoxos ao inserir o livro em um ambiente que se aproxima muito das redes sociais. Isso porque, praticamente todos hábitos de leitura do usuário do *e-reader* é utilizado pelas grandes empresas de tecnologia que produzem esse aparato digital.

O Software enviará informações à Amazon sobre o uso do seu Dispositivo Amazon e sobre a sua interação com o Conteúdo Digital e os Serviços (por exemplo, última página lida, arquivamento de conteúdo, memória disponível, tempo de atividade, arquivos de log, diagnósticos de rede, uso de conteúdo, dados de visualização, pesquisas, localização, informações de voz, conectividade e intensidade de sinal). As informações fornecidas à Amazon podem ser processadas na nuvem para melhorar a sua experiência e nossos produtos e serviços e podem ser armazenadas em servidores fora do país em que você mora. Trataremos qualquer informação recebida nos termos da Notificação de Privacidade da Amazon.com.br. (AMAZON, 2019).

Dessa forma, a leitura mediada e midiatizada, sendo este um conceito descritivo de um processo de mudanças qualitativas em termos de configuração social, por efeito da articulação da tecnologia eletrônica com a vida humana (SODRÉ, 2014, p.109), trazem novos significados e significantes à leitura. A leitura, ao estar contida nas telas pretas dos aparatos, insere-se no fenômeno da instância da imagem ao vivo (BUCCI, 2006). Nesta, “‘ao vivo’ já não se refere ao fato e nem à imagem do fato em acontecendo, mas se ergue como uma instância abstrata. Esta, esta sim, é uma instância em permanência, ininterrupta, total” (BUCCI, 2006, p. 3). Ou seja, ao estar online, o livro não precisa mais de um espaço físico para circular, muitos menos de sua materialidade, que está sofrendo um processo de deslocamento espacial, do concreto para o virtual, por meio de *devices* eletrônicos.

Nos e-readers, a capa, sobrecapa, gramatura da página, tipo de papel, tipo de fonte, e peso do livro perdem relevância. Os textos, ou tecnoimagens, que transitam entre os circuitos elétricos dos aparatos podem ser alterados de diversas formas pelos leitores. As coleções de livros, importantes documentos bibliográficos para estudos históricos e culturais, estão migrando para pastas virtuais que podem ser apagadas com uma tecla ou acidente. Dessa forma, o material se torna cada vez mais imaterial.

Mas, atenção: com a tela eletrônica dando o suporte para a comunicação, são as galerias, e não mais os homens, que “flanam” pelo mundo afora. A circulação não é mais algo que se dá entre os espaços. Hoje, os espaços (galerias do século XIX virtualizadas para o século XXI) é que circulam diante do flâneur anônimo, paralisado ante as imagens velozes, que compõem uma espacialidade mutante. Em outras palavras, e por outro itinerário, podemos dizer que os meios para a circulação deixaram de ser um requisito instrumental para a mobilidade e se transformam no próprio paradigma da espacialidade moderna. (BUCI, 2006, p. 12).

Ainda no mesmo artigo, Bucci (2006, p. 15) discute o conceito de superabundância, uma das principais características da supermodernidade e que também se relaciona com a leitura digital. Ainda mais, levando em conta um dos aspectos da superabundância que é a individualização das referências. Isso porque, com as grandes empresas de tecnologia sugerindo aos usuários dos leitores digitais as obras que elas entendem ser a necessária (de um catálogo pré-existente) ocorrerá um paradoxo: ao mesmo tempo em que há inúmeras possibilidades individuais de leitura, na prática podem ser muito semelhantes, de acordo com a intenção mercadológica da companhia. Isto é, “ao mesmo tempo, as individualidades nunca estiveram tão interconectadas pelas referências coletivas virtuais – que no entanto são efêmeras” (BUCCI, 2006, p. 16).

É possível ampliar o conceito acima de superabundância nas reflexões abordadas por Byun Chul Han em *Sociedade do Cansaço* (2017). Na obra, o autor define o século XX como o século da imunologia. Pois neste período, o estranho, mesmo não tendo intenção hostil ou que não apresente um perigo real era eliminado em virtude da alteridade (2017, p. 11). Aqui, a eliminação é entendida tanto quanto no entendimento médico em combater infecções de organismos, quanto em conflitos culturais de estranhar o diferente.

Hoje a sociedade está entrando cada vez mais numa constelação que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesa imunológicas. Caracteriza-se pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza (HAN, 2017, p.9).

Dessa forma, indicamos que os leitores posicionados desta nova relação de superabundância ou excesso de positividade, tem cada vez menos podem ter contato com a estranheza, com o outro. Os e-readers possibilitam que nem mais a leitura seja vivida “diretamente” (de forma corpórea), visto que agora há a possibilidade de ela estar contida em um ambiente no qual o ato da leitura em seus mínimos detalhes, como a velocidade da leitura de uma obra, partes grifadas e notas adicionadas, tornaram-se mercadoria.

**Considerações finais**

Apresentamos algumas características técnicas, sociais e teóricas que auxiliam no entendimento do leitor digital como um suporte midiático. O livro estar digitalizado em uma aparato próprio de leitura, traz novos recursos para o ato da leitura, com a possibilidade do leitor ser protagonista de uma obra – alterando aspectos cruciais para obras. Um exemplo mais visível é o da poesia, no qual sua própria estrutura impressa no livro auxilia na construção de sentido do texto. No entanto, no *e-reader,* o usuário pode configurar esse texto da forma que preferir, subvertendo a sua lógica original.

Também apontamos conceitos que possibilitam a aproximação dos textos disponibilizados nesses *devices* com a tecnoimagem. A partir de reflexão de texto sobre fotografia de Barthes em diálogo com a filosofia flusseriana. Aqui, conceitos como o aparelho e a imagem técnica são suportes de entendimento desse novo lugar do livro. Os textos agora são codificados para dimensão dos dados e algoritmos, passando a ter uma nova lógica – não estamos lendo um livro apenas, mas um produto textual que repensa este livro. “O mundo representado parece ser a causa das imagens técnicas e, elas próprias, parecem ser o último efeito da complexa cadeia casual que parte do mundo. (FLUSSER, 2008, p. 22). A questão da imagem técnica perpassa apenas o sentido ontológico e abrange a possibilidade dos livros possuírem recursos técnicos semelhantes às imagens digitais. Isso porque, conforme apresentamos brevemente, existem possibilidades nos e-readers como a edição do texto que permitem um ganho de novos traços e sentidos ao ator de ler, possibilitando que leitores/usuários possam (re)configurar textos pré-concebidos por autores e seus respectivos projetos editoriais.

Dessa forma, o livro se insere nas relações mercadológicas das grandes redes e empresas tecnológicas, transformando o ler em dados de forma que nunca pensada antes. O tempo de leitura do usuário e demais métricas possibilitadas por esse *device* também realocam o leitor em um novo ambiente.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUCCI, E. **Ubiqüidade e instantaneidade no telespaço público**: algum pensamento sobre a televisão. Caligrama (São Paulo. Online**)**, v. 2, n. 3, 27 dez. 2006.

\_\_\_ **O espetáculo e a mercadoria como signo**. In: NOVAES, Adauto (Org.). Muito além do espetáculo. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 218-233. ISBN: 8573594144.

\_\_\_ “**A fabricação de valor na superindústria do imaginário**”.Communicare: Revista depesquisa. Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 56-72, 2002.Semestral. ISSN 1676-3475

BAITELLO JR., Norval. **Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos**. In: RODRIGUES, DAVID (Org.). Os valores e atividades corporais. São Paulo: Summus, 2008

–––––. **O pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.   
  
–––––. **O tempo lento e o espaço nulo**: Mídia primária, secundária e terciária. 2001. Disponível em: < <http://www.cisc.org.br> >.Acesso em: 10 abr. 2020.

–––––. Incomunicação e imagem. In. BAITELLO JR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugenio de O. (Orgs.). Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume; CISC, 2005, p. 71-80.

–––––. Vilém Flusser e a Terceira Catástrofe do Homem ou as Dores do Espaço, a Fotografia e o Vento. Disponível em: < <http://www.flusserstudies.net/node/106> >. Acesso em: 12 mar 2020.

\_\_\_ “**A fabricação de valor na superindústria do imaginário**”. Communicare: Revista depesquisa. Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 56-72, 2002.Semestral. ISSN 1676-3475

CHARTIER, Roger; ROCHE Daniel, **O Livro, uma mudança de perspectiva**. In: GOFF Le Jacques. História: novos objetos. São Paulo, Francisco Alves, 1976.

DARNTON, Robert. **Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_\_. **O que é a história dos livros?** In: O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 109-13

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

vanDIJCK, JOSÉ. **Confiamos nos dados? As implicações da datificação para monitoramento social.**In: Matrizes V.11 – Nº 1 jan/abr. São Paulo, 2017. p. 39-39. Disponível em<: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/131620/127911/>>. Acesso em: 31.02.2020

DZIEKANIAK, Gisele; MORAES, Rosana; MEDEIROS, Jackson; RAMOS, Clériston. **Considerações sobre o E-book: do hipertexto à preservação digital**. Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 24, n.2, p.83-99, jul./dez. 2010. Disponível em <: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/TGI061%20DZIEKANIAK%20Consideracoes%20sobre%20o%20ebook.pdf> > Acesso em 18 ago. 2018.

FINNEMANN, Niels Ole. **Digital humanities and networked digital media.** In: Journal of media and communication research (ed), MedielKultur. p. 94-114. 2014.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma filosofia da fotografia. 1ª edição. São Paulo: É Realizações, 2018.

–––––. **Elogio da superficialidade:** o universo das imagens técnicas. 1ª edição. São Paulo: É Realizações, 2019.

\_\_\_\_\_. **A Escrita.** Há futuro para a escrita?1ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.

GIBBONS, Susan. **eBooks: Some Concerns and Surprises**. Libraries and the Academy, Volume 1, Number 1. Johns Hopkins University Press, 2001. p. 71-75. Disponível em: <<http://www.lib.rochester.edu/main/EBOOKS/studies/1.1gibbons.pdf>>. Acesso em 04 de jun. de 2019.

GILLESPIE, **T. The relevance of algorithms.** Media Technologies: Essays on communication, materiality, and society. Cambridge, 2013. Disponível em:<http://governingalgorithms.org/wp-content/uploads/2013/05/1-paper-gilles-pie.pdf>. Acesso em 29/7/2019.

HAN, Chul Byun. **Sociedade do Cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini, 2ª edição ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MANLEY, Laura Manley; HOLLEY, Robert P. **History of the eBook: The Changing Face of Books**. Technical Services Quarterly, Oxfordshire United Kingdom, 2012. p. 292-311.

O’NEIL, Cathy. **Weapons of Math Destruction**: How Big Data Increases Inequalityand Threatens Democracy. Crow Publisher, 2016.

PRÓ-LIVRO, Instituto. **Retratos da Leitura no Brasil** - 4ª edição. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>>. Acesso em 20 de abr. de 2020.

RAMOS, Daniela. **A influência do algoritmo:** Volume 17 – Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2017. Disponível em :< <https://www.researchgate.net/publication/319914104_A_influencia_do_algoritmo_Algorithms_influence>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

SCHUESSLER, Jennifer. **The Godfather of the E-Reader.** The New York Times, New York, 08 de abr. de 2010. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/04/11/books/review/Schuessler-t.html?pagewanted=all>>. Acesso em 02 de junho de 2019.

SODRÉ, Muniz**. A ciência do comum**: notas para o método comunicacional.1 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 323p.

SOUZA E SILVA, Wagner. **Foto 0/Foto 1**. São Paulo: Edusp, 2016.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus Editora, 2006.

1. Proposta de artigo científico para ser apresentado ao XII Simpósio Nacional da ABCiber, no eixo temático 22. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestrando em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP). É Membro do GEIC -

   Grupo de Estudos da Imagem na Comunicação da ECA/USP. Contato: caue.reboucas@usp.br. [↑](#footnote-ref-2)
3. A pesquisa considera “leitor” aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses [↑](#footnote-ref-3)
4. No livro *Censores em ação* (Companhia das Letras, São Paulo, 2016), Robert Darnton exemplifica como as censuras de três períodos históricos diferentes (França pré-revolução do século XVIII, Índia sob regime do Império Britânico e Alemanha Oriental) impactam de forma específica a circulação do livro. Para o autor, a censura não é apenas um fator impeditivo, uma mera proibição, mas formas de articulações sociopolíticas em que agentes se esforçam para impor determinados medidas peculiares, mas que a sociedade reage para permitir a circulação das ideias. No exemplo francês, a censura era uma permissão prévia do monarca: ao mesmo tempo em que dava status e prestígio para uns, outros precisavam acessar a clandestinidade para publicar suas obras. Estes exemplos denotam a complexidade das redes de circulação dos livros. [↑](#footnote-ref-4)